



Auá Mendes, *Buyapusanu* (2022)



Rafaela Moreira, *Quebras* (2024)



Keila Sankofa, *Artefato Arqueológico do Agora* (2025), vídeo

Amazônia no

‘Amazônicas: Poéticas Femininas’ reúne no CCBB Rio 80 obras de 21 artistas do Pará, Acre e Amazonas e percorre cinco décadas de produção artística da região Norte



Raiz e Patchouli, da série *Autorretrato*

AFFONSO NUNES

A Amazônia que ocupa o segundo andar do Centro Cultural Banco do Brasil se oferece muito além de sua exuberante paisagem. Floresta, território e natureza estão presentes, mas dividem espaço com corpos, memórias, ancestralidades, identidades, conflitos e experiências de mulheres que vêm construindo a arte da região Norte nas últimas cinco décadas. Em cartaz até 16 de novembro, “Amazônicas: Poéticas femininas” reúne 80 obras de 21 artistas do Pará, Acre e Amazonas, numa exposição que reivindica um olhar feminino sobre um território tantas vezes representado de fora para dentro.

Idealizada pelo Museu das



A feiticeira branca (2021)

Mulheres (Museu DAS), a mostra chega ao Rio depois de passar por Belém, Fortaleza e Brasília. A curadoria e a direção artística são de Sissa Anelch, que há 16 anos pesquisa a produção de mulheres da arte

amazônica. Pintura, escultura, fotografia, gravura, objeto, arte digital e videoarte formam um panorama que parte dos anos 1970 e alcança a produção contemporânea.

“A Amazônia é o verdadeiro

ventre do Brasil e do mundo”, diz Sissa.

A curadora propõe deslocar a região da condição de simples tema ou cenário para percebê-la como território produtor de linguagens,

conhecimento e experiência estética. É a partir desse princípio que trabalhos de artistas de diferentes gerações são organizados em quatro núcleos: “Materialidades Ancestrais”, “Gravura Feminina”, “Amazônia Pictórica” e “Performáticas”.

Fundadora e diretora do Museu das Mulheres, Sissa é historiadora da arte, mestre e doutora em Artes. Já realizou a curadoria de mais de 17 exposições e levou mostras com artistas brasileiras para instituições e eventos na Alemanha. Sua pesquisa passa pela história da arte, produção de mulheres artistas, arte brasileira e decolonial, cinema autoral feminino e poéticas curatoriais. É dessa trajetória que nasce o esforço de “Amazônicas” para aproximar produção estética e reconstrução histórica.

No primeiro núcleo, “Materialidades Ancestrais”, a memória ganha corpo por meio da matéria. As cerâmicas táteis de Lise Lobato criam